

ALTURA, EXCLUSÃO E RODAGEM NO FUTEBOL DE BASE: UMA ETNOGRAFIA SOBRE A FORMAÇÃO DE GOLEIROS

HEIGHT, EXCLUSION, AND CIRCULATION IN YOUTH FOOTBALL: AN ETHNOGRAPHY ON GOALKEEPER DEVELOPMENT

WALTER REYES BOEHL¹
MAURO CASTRO IGNÁCIO²
MAURO MYSKIW³

RESUMO: este artigo investiga a formação de goleiros no futebol de base brasileiro a partir de uma perspectiva etnográfica, analisando como a altura opera como critério de exclusão antes mesmo da avaliação técnica. A seletividade esportiva não se restringe ao talento, mas está atravessada por lógicas mercadológicas, biopolíticas e redes de contato. O estudo dialoga com a noção de capital esportivo e corporal, evidenciando como o corpo do jogador é tratado como um objeto de investimento e ajuste, seja por meio da medicalização do crescimento, seja pela necessidade de rodar entre clubes menores. Além disso, a pesquisa destaca o papel dos empresários na intermediação de carreiras, demonstrando que a permanência no sistema depende não apenas do desempenho, mas da capacidade de atender às exigências corporais e mercadológicas do futebol globalizado. Ao problematizar a construção do atleta ideal, o artigo revela como o futebol de base se constitui como um campo de disputas que ultrapassam as quatro linhas.

Palavras-chave: Futebol de base, Biopolítica, Capital corporal.

Abstract: This article investigates the development of goalkeepers in Brazilian youth football from an ethnographic perspective, analyzing how height operates as a criterion of exclusion even before technical skills are assessed. Sporting selectivity is not limited to talent; it is shaped by market logic, biopolitical mechanisms, and social networks. The study engages with the concepts of sporting and bodily capital, revealing how the athlete's body is treated as an object of investment and adjustment—whether through the medicalization of growth or the need to circulate among smaller clubs. Furthermore, the research highlights the role of football agents in career mediation, showing that staying within the system depends not only on performance but also on the athlete's ability to meet the physical and commercial demands of globalized football. By problematizing the construction of the ideal athlete, the article reveals how youth football constitutes a field of disputes that extend far beyond the boundaries of the pitch.

Keywords: Youth football, Biopolitics, Bodily capital.

¹Mestre e doutorando em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pesquisador; walter-boehl@ufrgs.br.

²Mestre e doutorando em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pesquisador; mauroesef@gmail.com

³Doutor em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Professor adjunto da Escola Superior de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID/UFRGS); mmyskiw@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O presente artigo investiga a formação de goleiros no futebol de base brasileiro, com especial atenção à altura como critério de exclusão anterior à avaliação técnica. A partir de uma perspectiva etnográfica, analisa-se como atributos físicos, especialmente a estatura, operam como filtros seletivos que transcendem as capacidades esportivas, configurando-se como dispositivos biopolíticos (FOUCAULT, 2005). No contexto do futebol contemporâneo, a seletividade não se restringe ao talento; ela é atravessada por lógicas mercadológicas, hierarquias simbólicas (DAMO, 2005) e racionalidades corporais que determinam quais corpos são considerados viáveis ou descartáveis dentro do sistema formativo (BITENCOURT, 2017; TOLEDO, 2023).

A dinâmica, desse modo, é ilustrada de forma emblemática nos testes seletivos — as chamadas "peneiras" — em que jovens atletas disputam vagas nas categorias de base de grandes clubes. Ansiosos, ajustam as luvas, batem os pés no chão, respiram fundo. Os treinadores gritam instruções: “Vai!”, “Posiciona!”, “Atenção no tempo de bola!”. Cada jogador salta, defende, retorna à fila. Contudo, algo já está decidido antes da primeira defesa: a altura. Enquanto jogadores de linha ainda podem negociar sua permanência com base em outras qualidades, como velocidade ou técnica, os goleiros enfrentam uma régua fixa. Quem não atinge a estatura mínima dificilmente ultrapassa as primeiras etapas do funil formativo no sul do Brasil. A peneira, portanto, não seleciona apenas talento — seleciona corpos.

A formação do “atleta ideal”, nesse contexto, não é determinada apenas pelo desempenho em campo, mas pela adequação a um modelo normativo de corpo esportivo. A estatura converte-se em capital corporal e simbólico, atribuindo valor a determinados corpos em detrimento de outros. O corpo do jogador é transformado em objeto de investimento e ajuste — seja pela medicalização do crescimento, seja pela necessidade de “rodar” entre clubes menores, na tentativa de permanecer no sistema.

Estudos recentes têm mostrado que, mesmo em contextos distintos como o futebol semi-profissional australiano, critérios extracampo funcionam como filtros estruturais para a permanência no esporte, especialmente quando os atletas precisam conciliar sua formação esportiva com demandas acadêmicas e laborais (PINK; LONIE; SAUNDERS, 2018). Tais restrições institucionais e socioeconômicas operam de modo análogo aos critérios físicos no futebol de base brasileiro, revelando a existência de múltiplas barreiras à continuidade esportiva.

Este trabalho emerge da intersecção entre pesquisa empírica e experiência vivida. Como etnógrafo e pai de Fernando, um jovem aspirante a goleiro, transitei entre duas posições — a do observador analítico e a do participante afetado pelas dinâmicas do campo. Acompanhei peneiras, treinos e competições, atento às tensões que atravessam atletas, treinadores e famílias. Mais do que objeto de estudo, a formação de goleiros se revelou como um campo de disputas e expectativas, no qual o sonho profissional se equilibra entre talento, corpo e redes de contato.

Inspirado na etnografia encarnada de Wacquant (2002), busquei⁴ não apenas compreender as regras do jogo, mas também experimentá-las corporalmente. Se no boxe Wacquant aprendeu a esquivar-se e golpear como um pugilista, no futebol de base compreendi que a luta começa antes mesmo do primeiro treino: ela já está inscrita nos centímetros de altura de cada atleta.

Por fim, este artigo articula três eixos analíticos principais: (i) a altura como marcador de exclusão e como dispositivo biopolítico; (ii) o rodar como prática estruturante para jogadores que não se encaixam nos perfis normativos; e (iii) as estratégias adotadas por atletas e suas famílias para driblar a lógica seletiva do sistema, como a medicalização e a reconfiguração posicional. A análise está ancorada em conceitos como capital corporal (WACQUANT, 2002), capital futebolístico (DAMO, 2005) e circulação periférica (RIAL, 2007), permitindo compreender o futebol de base como um campo regulado por múltiplas racionalidades que ultrapassam as quatro linhas do jogo.

ETNOGRAFIA MULTILOCALIZADA NO FUTEBOL DE BASE

Este artigo é oriundo de uma investigação etnográfica desenvolvida entre os anos de 2018 e 2021, no âmbito de uma dissertação de mestrado, cujo objetivo foi acompanhar empresários do futebol em seu cotidiano profissional, observando suas relações com clubes, famílias e jovens atletas em formação (BOEHL, 2021). A partir desse acompanhamento, a pesquisa passou a lançar foco sobre os próprios atletas e os modos como estes se constituem como jogadores, buscando moldar-se a padrões corporais e simbólicos exigidos pelo campo futebolístico contemporâneo.

Para dar conta da complexidade dessa rede de relações — que atravessa empresários, clubes, técnicos, famílias e jogadores — optou-se pela utilização da etnografia multilocalizada, conforme proposta

⁴ O uso do tempo verbal em primeira pessoa é em razão do primeiro autor ser o responsável pelos dados empíricos. Enquanto os outros autores possuem outras responsabilidades no texto.

por George Marcus (1995). Diferente da etnografia clássica, centrada em um único grupo ou localidade, a etnografia multilocalizada busca seguir conexões, associações e circulações de significados entre diferentes campos sociais, geográficos e institucionais.

No contexto desta pesquisa, isso implicou o acompanhamento de diversos campos de formação futebolística no estado do Rio Grande do Sul, em categorias de base de clubes profissionais e semi-profissionais. Foram realizadas observações de peneiras, treinos, jogos e deslocamentos entre clubes, além de conversas informais, registros de campo e entrevistas com empresários, atletas e familiares. As trajetórias de alguns jovens atletas foram seguidas ao longo do tempo, permitindo observar a conformação de seus corpos e subjetividades diante das exigências do sistema formativo.

A inserção do pesquisador no campo se deu por meio de acesso relacional, ou seja, por meio de contatos estabelecidos com empresários e treinadores que facilitaram a aproximação com os espaços de formação. Tal inserção permitiu uma posição liminar entre observador e participante, especialmente pela dupla condição de pesquisador e pai de um jovem aspirante a goleiro. Essa posição implicou não apenas o acompanhamento empírico das práticas, mas também uma vivência afetiva e política dos processos observados, aproximando a pesquisa de uma etnografia encarnada (WACQUANT, 2002), em que o corpo do pesquisador também se torna um instrumento de percepção e análise. Os registros de campo foram organizados em diários etnográficos, combinando descrições densas, reflexões analíticas e transcrições de falas. A análise do material foi realizada de forma interpretativa, buscando articular os dados empíricos com os referenciais teóricos do campo das ciências sociais.

DISPOSITIVO DE FILTRAGEM BIOPOLÍTICA NO FUTEBOL

Na lateral do campo, treinadores e olheiros observam atentamente a movimentação dos goleiros em um treino avaliativo. Entre defesas, reposições e saídas do gol, os garotos se esforçam para demonstrar suas qualidades. Mas, antes mesmo de qualquer chute ser defendido, um critério invisível já pesa sobre a escolha final: a altura. Comentários trocados entre os avaliadores, como "bom tempo de reação, mas baixo para a posição" ou "técnica excelente, mas não vai crescer muito mais", indicam que a decisão já está, em grande parte, tomada antes mesmo do fim do teste.

No futebol de base, a altura opera como um dispositivo de filtragem biopolítica (FOUCAULT, 2005), que define quem pode ou não avançar no sistema antes mesmo da avaliação técnica. Embora a

seletividade no futebol envolva múltiplos fatores – como habilidade, tática e perfil psicológico (SPAGGIARI, 2014) –, para os goleiros, o critério físico se impõe como uma régua normativa, que delimita os corpos viáveis e os corpos descartáveis. Essa exigência não é apenas técnica, mas parte de uma economia política do futebol (TOLEDO, 2023), onde atributos físicos são convertidos em valor mercadológico e projetados para atender às expectativas do futebol globalizado.

Esse processo é sustentado por um olhar biomédico e tecnocientífico sobre os jogadores. Durante minha experiência no futebol de base, acompanhando a trajetória de um jovem goleiro, observei como a altura não era apenas um critério subjetivo dos treinadores, mas também um dado legitimado pela ciência do esporte. Em diversas conversas com técnicos e olheiros, ouvi frases como "ele tem boa técnica, mas não cresce mais" ou "não vemos projeção dentro do clube levando em consideração a estatura". Um episódio emblemático ocorreu no Grêmio, quando um jogador de 13 anos foi submetido a um exame de raio-X da mão esquerda para prever sua altura futura. O resultado indicava que sua idade óssea era superior à cronológica, sugerindo um crescimento reduzido nos anos seguintes. A alegação oficial para sua dispensa foi direta: "Muito boa técnica, mas não vemos projeção dentro do clube levando em consideração a predição de altura." (Diário de campo, setembro de 2016).

A lógica de antecipação da performance que atravessa os testes de altura nos clubes de base não opera apenas como um critério de avaliação técnica, mas como um mecanismo de governamentalidade, no sentido foucaultiano (FOUCAULT, 2005). O uso de exames médicos para prever a estatura futura dos atletas remete àquilo que Nikolas Rose (2007) denomina de "*vital politics*", ou política da vida, onde o corpo é gerenciado preventivamente como um portador de risco ou potencial.

O futebol de base, nesse contexto, se aproxima dos sistemas de segurança e previsão em políticas públicas, nos quais dados biométricos são utilizados para tomar decisões antes que algo aconteça. Não se trata mais de avaliar o desempenho real de um jogador, mas de projetar um futuro corporal ideal. Tal lógica desloca o futebol da imprevisibilidade lúdica para a tecnocracia do possível, como já advertia François Ewald ao comentar o nascimento das sociedades do risco. Assim, os atletas não são apenas jogadores, tornam-se "corpos-futuro", modelados para encaixar-se em um mundo esportivo onde o presente é apenas um ponto de cálculo probabilístico.

O episódio mais acima ilustra como o futebol de base opera uma lógica de predição e controle dos corpos, antecipando o futuro dos atletas antes mesmo que ele se concretize. Esse controle remete ao que Bitencourt (2017) chama de "ciborguização do atleta", um processo no qual os corpos são esquadrihados,

quantificados e ajustados para atender a um modelo ideal de performance. No caso dos goleiros, a altura não é apenas um atributo físico, mas um marcador de viabilidade dentro do sistema, um critério que regula a permanência e justifica o descarte.

Nesse sentido, a lógica seletiva não é universal. Durante uma conversa com Bernardo, técnico das categorias de base de um clube boliviano, ele expressou surpresa ao notar como a altura era tratada no Brasil:

Vivi anos em Barcelona e nunca vi um menino ser dispensado por causa de altura. Nunca vi nem goleiro ser dispensado por isso. Vi Valdés, vi Casillas jogarem. Eram fenômenos. Lá a cultura é diferente: quem tem mais habilidade joga. (Diário de campo, fevereiro de 2020).

A comparação com o futebol europeu revela que a altura não é um critério absoluto, mas uma construção cultural e mercadológica. Enquanto no Brasil a lógica da eficácia física (TOLEDO, 2023) se impõe como critério determinante, na Espanha ainda há espaço para a lógica da técnica, que privilegia habilidades específicas e adaptabilidade tática. No entanto, essa distinção não é meramente uma questão de tradição futebolística, mas está ligada a um mercado global que estrutura a formação esportiva.

No Sul do Brasil, essa preferência por goleiros altos se intensificou nas últimas décadas, influenciada pela globalização do futebol e pelas exigências de um mercado que cada vez mais exporta jogadores. Como demonstrado por Damo (2005), os clubes brasileiros não formam apenas jogadores para suas próprias equipes, mas operam dentro de um sistema de exportação de talentos, no qual os atletas são moldados para atender às demandas de mercados estrangeiros, especialmente da Europa e da Ásia. Assim, a filtragem por altura não é apenas um critério técnico interno, mas uma adaptação estrutural dos clubes às exigências do futebol globalizado.

A trajetória desse jovem goleiro ilustra como essa lógica impacta diretamente os jogadores em formação. Durante seus anos no futebol de base, ele foi constantemente deslocado entre clubes, tentando se adaptar às exigências do mercado. Ao perceber que sua estatura seria um obstáculo para continuar como goleiro, ele optou por mudar de posição, tornando-se lateral-esquerdo. Essa mudança, contudo, não foi apenas uma escolha tática, mas uma estratégia de sobrevivência dentro do sistema. Como argumenta Rial (2007), jogadores que não atendem ao perfil idealizado passam a rodar, circulando por mercados secundários e instáveis, sem garantias de continuidade profissional.

A dinâmica suscitada não se restringe ao futebol de base. Roderick (2013), ao investigar a mobilidade intra-nacional de jogadores profissionais, aponta que o deslocamento frequente entre clubes

também se traduz em experiências de marginalização, precarização das relações laborais e perda de vínculos afetivos com os espaços de trabalho. Assim como nas categorias de base, a instabilidade e a ausência de garantias contratuais são elementos estruturantes da vida esportiva mesmo entre atletas já profissionalizados.

Se, no Brasil, a biopolítica do futebol impõe a lógica da eficácia física como critério eliminatório, em outras conjunturas a técnica pode apresentar disposições alternativas. Mas para aqueles que não conseguem atender a esses padrões, resta apenas a circulação entre clubes menores, mercados periféricos e um ciclo permanente de readequação aos imperativos do jogo. Essa dinâmica não é apenas uma consequência da seletividade do futebol de base, porém, uma representação das diferentes racionalidades que estruturam o futebol globalizado.

A CIRCULAÇÃO DE JOGADORES REJEITADOS PELO SISTEMA

A mensagem chegou sem aviso. Nenhum telefonema, nenhuma reunião, nenhuma conversa. Apenas um texto frio e definitivo: a lista dos jogadores que seguiriam no clube no ano seguinte. O nome de Fernando não estava lá. Depois de um ano inteiro como titular absoluto, sua trajetória no clube terminou sem justificativas formais. O aviso veio pelo WhatsApp, como ocorre com inúmeros jogadores no futebol de base. No dia seguinte, o grupo de mensagens do time já não existia.

Se a altura funciona como um dispositivo de filtragem biopolítica no futebol de base (FOUCAULT, 2005; BITENCOURT, 2017), os jogadores que não atendem a essa exigência não são simplesmente excluídos – eles passam a circular. O rodar (RIAL, 2007) não é apenas um deslocamento entre clubes menores e mercados alternativos, mas uma trajetória marcada pela instabilidade, onde o jogador se torna um ativo negociável, constantemente reavaliado e redistribuído conforme as demandas do sistema (TOLEDO, 2023). Para os clubes, esses jogadores são recursos temporários, peças encaixadas e descartadas conforme as oportunidades do mercado. Para os atletas, o rodar se torna um mecanismo de sobrevivência, uma tentativa de continuar jogando a qualquer custo.

Fernando rodou. Entre 2015 e 2021, passou por Internacional, Grêmio, Juventude e São José de Porto Alegre. Em 2018, após sua dispensa abrupta, conseguiu uma nova oportunidade no Figueirense, em Santa Catarina. Mais um clube, mais um recomeço do zero. Entre sua saída do Grêmio e os 18 anos, a

incerteza tornou-se um padrão: constantes avaliações, mudanças de cidade, novas comissões técnicas. Nenhuma estabilidade, apenas a busca incessante por um espaço no sistema.

A cada troca de clube, a justificativa para sua instabilidade se repetia: "bom goleiro, mas poderia ser mais alto". Aos 18 anos, com 1,84m, Fernando já não era considerado baixo em comparação à média populacional. Mas, no futebol, a régua era outra. Nem mesmo na Indonésia, onde a estatura média dos jogadores locais era inferior, ele teria grande aceitação como atleta estrangeiro. Em uma conversa com Carlos, um treinador brasileiro que trabalha há anos no país, ouvi uma explicação intrigante:

Se fosse jogador nascido aqui. Se fosse da Indonésia, 1,84m estaria ótimo. Uma boa altura. Ele seria contratado na hora. Mas para contratar estrangeiro, eles querem algo diferente, um goleiro que seja alto até para os padrões europeus. (Diário de campo, outubro de 2021).

A fala de Carlos explicita a lógica do espetáculo e do mercado: a altura do goleiro não é apenas uma questão de funcionalidade dentro do jogo, mas um marcador simbólico, uma característica que deve atender a um modelo ideal de atleta dentro do futebol globalizado (TOLEDO, 2023). Como um corpo-ficha (BITENCOURT, 2017), o jogador precisa corresponder a um perfil normativo, previamente estabelecido pela tecnociência esportiva, pelo scouting digitalizado e pelos mercados internacionais. Esse controle não se limita ao presente; ele antecipa o futuro do atleta com base em estatísticas, medições e previsões biomédicas.

Durante minha pesquisa, acompanhei como esse processo se desdobra no cotidiano dos jogadores. O rodar não se limita a deslocamentos geográficos; ele reconfigura a autopercepção dos atletas. A cada nova avaliação, eles precisam renegociar sua própria identidade esportiva, ajustando-se às exigências do mercado. Muitos aceitam contratos precários, treinam sem vínculo formal e vivem a incerteza diária de não saber se serão chamados para o próximo treino. Como explicou um coordenador técnico durante uma conversa em um centro de treinamentos. "A gente traz o menino, vê como ele se adapta e, se for bem, pode ficar. Mas contrato, só depois de um tempo." (Diário de campo, julho de 2018).

A lógica é clara: o jogador precisa provar-se repetidas vezes, sem garantias, sem segurança. Ele é um recurso constantemente negociável, cuja permanência no clube não depende de seu desempenho atual, mas de sua adequação a um modelo futuro de jogador. Mas essa ideia de "potencial" não é neutra. Como demonstram Rial (2007) e Damo (2005), os critérios que definem o que é "promissor" estão profundamente marcados por hierarquias físicas e simbólicas. Fernando, por exemplo, era elogiado por sua qualidade

técnica, mas isso nunca foi suficiente para garantir sua estabilidade em um clube. Seu corpo não correspondia às expectativas da posição.

O rodar, nesses casos, não é um sinal de ascensão profissional, mas de precarização. Como aponta Rial (2007), o futebol sul-americano opera dentro de uma lógica internacional, na qual o mercado europeu e asiático são os grandes destinos desejados. No entanto, essa circulação não é homogênea. Enquanto uma pequena elite de jogadores sul-americanos é direcionada para clubes de ponta, a grande maioria é absorvida por circuitos periféricos, atuando em ligas secundárias, clubes menores e mercados instáveis.

Além das transferências internacionais, o rodar também ocorre dentro do Brasil, especialmente entre clubes de menor expressão. Fernando não chegou a passar por equipes do Nordeste, do interior paulista ou da Europa, apesar das promessas de seu empresário – expectativas que a pandemia desfez. Seu percurso reforça a ideia de que o futebol de base não é apenas um espaço de formação, mas um mercado fluido, onde os jogadores são constantemente avaliados, testados e descartados conforme as exigências do momento.

Essa circulação incessante entre clubes, categorias e mercados evidencia que o futebol não segue uma única racionalidade, mas uma disputa entre diferentes lógicas (TOLEDO, 2023). No caso do rodar, há um embate entre a lógica do espetáculo e a lógica da sobrevivência. Para os clubes, os jogadores devem encaixar-se em um perfil pronto para o espetáculo, e aqueles que não correspondem a esse modelo são simplesmente descartados. Mas, para os atletas, o rodar não é apenas deslocamento – é um mecanismo de permanência dentro do sistema, uma tentativa de manter-se jogando, ainda que sem estabilidade ou garantias.

A trajetória de Fernando evidencia que o rodar não é um fenômeno isolado, mas estrutural. Ele não é apenas um problema individual de atletas que não conseguem se fixar em um clube, no entanto, um simulacro das engrenagens do próprio sistema. Se, para os clubes, a lógica dominante é a do espetáculo e do mercado, para os jogadores, o jogo exige estratégias para transitar entre diferentes racionalidades e resistir à lógica da exclusão.

ESTRATÉGIAS PARA DRIBLAR A SELEÇÃO FÍSICA NO FUTEBOL DE BASE

Na beira do campo, entre olhares atentos e conversas dispersas, um grupo de pais acompanha o treino dos filhos. As falas, em um primeiro momento, giram em torno das jogadas, das defesas e dos erros

cometidos, mas logo se desviam para um tema que parece atravessar todas as expectativas naquele ambiente: o crescimento. A altura como um passaporte para a permanência no sistema. O futebol não se resume a talento, treino ou disciplina. É também um jogo de biopolítica, de previsões e ajustes corporais, de corpos que precisam ser moldados para caber dentro das exigências do mercado. O crescimento não é apenas um processo natural, mas um vetor de investimento e intervenção, um campo no qual a ciência e a medicina operam como aliadas na tentativa de garantir que esses jovens atletas não sejam preteridos antes mesmo de atingirem sua plena maturação.

A altura se converte em marcador de exclusão e precarização. Essa exclusão, entretanto, não opera apenas como barreira física, mas como uma forma de intervenção biopolítica sobre o corpo juvenil. Conforme argumentam Rabinow e Rose (2016), o biopoder contemporâneo articula discursos de verdade sobre a vida e estratégias de governança em nome da saúde, da performance e da otimização. No futebol de base, essas estratégias se manifestam na medicalização do crescimento e na exigência de corpos “potencialmente produtivos”. Retomando a noção de “otimização corporal” de Canguilhem (1966), podemos dizer que o corpo do atleta é lido como incompleto por definição — ele precisa ser suplementado, treinado, corrigido.

Essa busca por aprimoramento se intensifica em práticas como a hormonoterapia, as dietas de crescimento e as reconfigurações posicionais. São tecnologias de si que, como observa Sloterdijk (2009), se aproximam da “ascese antropológica” — uma moldagem contínua do corpo, não por escolha, mas como imposição estrutural. No futebol de base, essa ascese se configura como um dispositivo de governamentalidade. O corpo precisa crescer, render e corresponder. A adaptação se torna compulsória. O jogo muda, mas a régua permanece.

Para Sloterdijk (2009), o humano não é um dado natural, mas um projeto técnico, moldado por exercícios contínuos — o que ele chama de antropológica. No futebol de base, essa antropológica não se realiza como escolha livre, e sim como uma prática imposta por racionalidades de mercado. Os corpos são convocados a se autotransformar em nome da permanência no sistema. Como um “treinamento da espécie por meio da repetição” (SLOTERDIJK, 2009), a formação esportiva não apenas prepara atletas, todavia, fabrica sujeitos adequados aos imperativos biomédicos, estatísticos e performáticos do jogo. A medicalização do crescimento, nesse sentido, aparece como um exercício técnico de moldagem compulsória — uma prática em que o corpo precisa corresponder a um ideal normativo, ainda que isso implique a sua própria reinvenção.

"O médico disse que ele ainda tem alguns anos para crescer" – comenta um pai, observando o filho se posicionar no gol. Outro responde, num tom de conselho e cumplicidade: "Conheço um especialista ótimo, já ajudou um goleiro lá do Sul". A conversa segue, sem hesitação, sem grandes dilemas morais: "Hoje em dia tem tratamento para tudo, né? O importante é não ficar para trás." A possibilidade de moldar o corpo para atender às exigências do futebol não é uma especulação ingênua, mas um cálculo. O corpo, como sugere Bitencourt (2017), não é um dado fixo da natureza, mas uma superfície de inscrição das tecnologias de aprimoramento. O corpo do atleta contemporâneo é ciborguizado; calibrado, mensurado, corrigido e perturbado. No futebol de base, a pseudonaturalidade do crescimento é substituída pela tecnociência da predição, pela lógica que transforma em um território de controle.

Nos relatos que produzi ao longo da pesquisa, essa busca por endocrinologistas e pelo uso de hormônios de crescimento aparecia como um recurso discutido entre as famílias com a mesma espontaneidade com que se escolhe uma camiseta ou um novo par de chuteiras. Para muitos, não há dilema ético explícito, porque a decisão não se insere na lógica do doping ou da transgressão, mas sim na necessidade de se colocar em condições de competir em igualdade. O pai de Alexandre, goleiro de 13 anos, explicou sua decisão sem rodeios:

O médico disse que ele ainda pode crescer mais uns cinco centímetros naturalmente. Estamos aplicando o hormônio para garantir que ele não fique abaixo da média dos outros meninos. É um investimento, porque no futebol não adianta só ter técnica, tem que ter o porte físico. (Diário de campo, maio de 2016).

O futebol, aqui, opera como um campo de previsibilidade, em que o futuro é antecipado em centímetros, gráficos e exames médicos. O corpo se torna um investimento e uma aposta. Contudo, essa aposta tem um preço, e nem todos podem pagá-lo. O alto custo dos tratamentos hormonais incrementa uma nova camada de seletividade ao sistema. Se o talento e a disciplina já não bastavam, agora o próprio crescimento pode ser financiado. Quem pode bancar a modificação corporal, supera a barreira da altura; quem não pode, precisa buscar outras saídas. Fernando não teve essa opção. Sem clube e percebendo que sua estatura seria um obstáculo intransponível, fez a escolha possível para continuar no jogo: mudou de posição. De goleiro, passou a treinar como lateral-esquerdo. Seu corpo, que desde os sete anos havia sido preparado para atuar sob as traves, agora precisava aprender outra lógica, outra relação com o jogo. Entretanto, a mudança de posição não era apenas um ajuste técnico, e sim um deslocamento identitário. Fernando não apenas precisou reaprender os fundamentos básicos de marcação, passe e posicionamento

ofensivo, com o reconvencer treinadores, dirigentes e olheiros de que seu corpo ainda era útil dentro do sistema.

Além do impacto técnico e identitário da mudança de posição, essa reconfiguração também interfere diretamente na valoração de mercado do atleta. Velema (2019) demonstra que a mobilidade profissional influencia o valor atribuído aos jogadores. Enquanto a ascensão reforça atributos percebidos como qualidades, a descida ou a rodagem entre clubes menores tende a depreciar sua imagem no mercado esportivo, independentemente de sua performance atual.

Jogar no gol era o que eu sabia fazer desde pequeno. Na real, comecei jogando futsal na linha e depois fui para o gol por ser maior que os outros. Tive que aprender tudo de novo, me reposicionar, entender outra dinâmica de jogo. Foi difícil, mas era isso ou sair do futebol. (Fernando, entrevista, dezembro de 2019).

No futebol de base, não há tempo para adaptações longas. Se a mudança não for bem-sucedida rapidamente, a exclusão é quase inevitável.

Ao final do treino, um homem de óculos escuros e camisa polo observa os jogadores se alongando à margem do campo. Ele não veste uniforme de clube, não grita instruções, não carrega pranchetas. Não é técnico, nem dirigente. É empresário de futebol. No futebol de base, sua presença é tão constante quanto invisível. Ele se move nos bastidores, estabelecendo contatos, negociando contratos e identificando quais jogadores podem ser encaixados no mercado. Seu papel não se limita à gestão de carreiras individuais, no entanto, envolve a administração dos fluxos de jogadores dentro de um sistema que ultrapassa as quatro linhas (BOEHL; MYSKIW, 2021).

O empresário não busca apenas talento. Ele busca viabilidade mercadológica. Quem se encaixa no modelo físico e técnico esperado pelos grandes clubes avança. Quem não atende a esses requisitos precisa circular entre equipes menores, tentando se manter no sistema até encontrar uma nova oportunidade. Se a altura define quem pode permanecer nas categorias de base de clubes de elite, o rodar se impõe como alternativa para aqueles que não atendem aos padrões exigidos, mas que ainda não desistiram da profissionalização. Como descreve Rial (2007), essa circulação não é um fenômeno isolado, mas estrutural, um mecanismo que mantém o sistema operando, redistribuindo jogadores entre mercados secundários.

Lucas, um goleiro que não conseguiu se firmar no futebol brasileiro, exemplifica essa dinâmica. Depois de sucessivas tentativas frustradas de se manter em clubes nacionais, recebeu a proposta de atuar na Bolívia. Mas sua ida não foi consequência de uma avaliação técnica rigorosa – foi um encaixe mercadológico, viabilizado pelo seu empresário. "O empresário disse que tinha um clube interessado em

mim na Bolívia. Eu não conhecia nada sobre o time, mas aceitei porque queria continuar jogando. No fim, a estrutura era precária e vi que não compensava ficar lá." (Lucas, entrevista, agosto de 2019).

Para muitos jogadores, a alternativa à exclusão é a precarização. O rodar, nesse contexto, não representa apenas uma tentativa de adaptação ao futebol profissional, uma esperança de se manter jogando até que tenha bafejos de sorte, todavia, um reflexo da estrutura globalizada do sistema esportivo, na qual clubes menores absorvem aqueles que sobraram nas grandes vitrines. Como sugere Velema (2018), o mercado global do futebol se estrutura como um jogo de "cobras e escadas", no qual apenas uma minoria de jogadores percorre trajetórias lineares e ascendentes, enquanto a maioria transita por circuitos irregulares e bidirecionais. A metáfora, assim sendo, ajuda a compreender o rodar como uma forma de circulação estrutural e não como um acidente de percurso, evidenciando a desigualdade sistêmica que atravessa a formação e a carreira dos atletas. A promessa de ascensão se converte em um circuito de instabilidade, em que o jogador precisa negociar constantemente seu espaço, seu contrato e, muitas vezes, sua própria identidade esportiva.

As trajetórias de goleiros que “rodam” entre clubes menores podem ser analisadas à luz do que YannMoulierBoutang (2007) define como capitalismo cognitivo: um regime no qual o valor não está mais vinculado a um produto acabado, mas sim à capacidade de gerar conhecimento, afetos ou potenciais futuros. O jovem atleta, nesse contexto, é valorizado não pelo desempenho atual, mas pela possibilidade de vir a ser útil — um “jogador promissor” ou um “corpo moldável”.

A lógica se articula, por seu turno, com o conceito de valor como promessa, desenvolvido por Luc Boltanski e Arnaud Esquerre (2017). Para os autores, os mercados contemporâneos operam por meio de regimes de valoração narrativa, nos quais o valor é uma aposta discursiva sobre o futuro. No futebol de base, esse regime se traduz em decisões baseadas em projeções: atletas são mantidos no sistema porque “ainda podem crescer”, “têm margem para desenvolver-se” ou “podem adaptar-se a outra posição”. O valor do jogador, portanto, ainda está por vir — e essa expectativa sustenta sua permanência no circuito.

Nesse cenário, a incerteza não é um problema a ser superado, mas parte estrutural do funcionamento do sistema. O rodar entre clubes menores, longe de ser desorganização, constitui uma forma flexível de gestão de carreiras incertas, própria do capitalismo contemporâneo.

No contexto do futebol globalizado, os empresários não se limitam à representação individual dos jogadores; antes, encarnam a própria lógica estrutural do sistema esportivo. Como argumenta Toledo (2023), o futebol transcende sua dimensão lúdica e competitiva para se configurar como uma economia do

dom, na qual corpos e trajetórias são incessantemente mercantilizados e redistribuídos conforme as dinâmicas do mercado. Para alguns, a ascensão profissional se dá pela abertura de portas estratégicas e pela inserção em redes de legitimidade. Para outros, a realidade é a circulação permanente entre categorias de base, divisões intermediárias e mercados periféricos, em que a instabilidade se torna uma condição estrutural. A permanência nesse circuito exige maleabilidade. Não basta demonstrar performance, se faz preciso negociar continuamente o próprio corpo. Redefinir sua posição em campo e, por vezes, ressignificar sua própria identidade esportiva até que se encontre um clube cujos critérios se alinhem ao capital futebolístico que se possui (DAMO, 2005).

As famílias sabem disso. No futebol de base, os pais não são apenas torcedores – são gestores, agentes e financiadores. "A gente faz de tudo pelo sonho deles. Paga escolinha, leva em peneira, faz contato com treinador. No fim, a gente torce para dar certo, porque é a única chance de mudar de vida." (Pai de jogador sub-15, entrevista, março de 2020). A formação esportiva não é apenas um percurso individual, mas um projeto coletivo, uma aposta compartilhada entre pais e filhos, empresários e clubes, treinadores e médicos. E, como toda aposta, ela carrega riscos. Muitos jogadores crescem com a responsabilidade de transformar o futebol em um meio de sustento para a família. O peso desse sonho se soma às exigências físicas e mercadológicas do sistema, tornando a trajetória no futebol de base um campo de disputas que vai muito além das quatro linhas.

Se a altura pode ser ajustada, a posição pode ser mudada e o mercado pode ser negociado, o que resta, então, do futebol como jogo? Talvez resida aí o dilema central da formação esportiva contemporânea: quando os corpos são ajustados à previsibilidade, o que acontece com a imprevisibilidade do talento?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação de goleiros no futebol de base brasileiro não é apenas uma questão técnica, mas um processo permeado por hierarquias corporais, lógicas mercadológicas e dispositivos biomédicos que operam antes mesmo da avaliação do desempenho. A altura, tratada como um critério “natural” de seleção, se revela um marcador social que antecipa a inclusão ou exclusão de jovens atletas do sistema, moldando trajetórias e determinando oportunidades. O corpo do jogador, longe de ser apenas um instrumento de jogo, torna-se um objeto de investimento, modificação e ajuste, seja pela biotecnologia do crescimento, seja pela necessidade de rodar entre clubes e mercados periféricos.

A etnografia evidenciou como a altura se insere em uma economia política do futebol, na qual a biopolítica regula quais corpos são valorizados e quais são descartáveis. A medicalização do crescimento se apresenta como uma tentativa de adaptação, acessível apenas para aqueles que podem arcar com os custos desse aprimoramento. Para os que não podem, resta a necessidade de adaptação posicional ou a circulação entre clubes menores, um fenômeno que evidencia as desigualdades estruturais do sistema.

Além dos critérios físicos, a permanência no futebol depende de redes de contato e de agentes capazes de intermediar oportunidades. O empresário surge como figura central na lógica do rodar, atuando como mediador entre os interesses dos clubes e os futuros incertos dos jogadores. A seletividade no futebol, portanto, não é apenas um processo de filtragem por mérito esportivo, mas um mecanismo de regulação corporal, financeira e simbólica, que define quais jogadores serão inseridos no espetáculo e quais permanecerão em circuitos de instabilidade.

O futebol de base, longe de ser um espaço de mera lapidação técnica, é um campo atravessado por disputas e exclusões que começam muito antes da bola rolar. Ao final, a pergunta que ecoa não é apenas sobre quem tem talento para permanecer no jogo, mas sobre quais corpos, redes e investimentos tornam essa permanência possível.

REFERÊNCIAS

BITENCOURT, Fernando Gonçalves. O Ciborgue: corpo, técnica e ciência no futebol – uma etnografia de um centro de treinamento. **Esporte e Sociedade**, vol. 29, n. 12: 1-25. 2017. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/241213>.

BOEHL, Walter Reyes. **Empresários de futebol em ação**: etnografias multissituacionais. 2021. 257 f. Dissertação (Mestrado)– Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento, Humano Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/230369>

BOEHL, Walter Reyes; MYSKIW, Mauro. Uma breve análise das relações entre intermediários e jogadores de futebol menores de 16 anos. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 2, p. 27-33, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.36453/cefe.2021.n2.27215>

BOLTANSKI, Luc; ESQUERRE, Arnaud. **Enrichissement**: Une critique de lamarchandise. Paris: Gallimard. 2017

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais do corpo**. Actes de la recherche en sciences sociales, v. 84, n. 1, p. 98-105, 1990.

MOULIER-BOUTANG, Yan. *Le capitalisme cognitif: La Nouvelle Grande Transformation*. Paris, éditions Amsterdam. 2007.

CANGUILHEM, Georges. *Le normal et le pathologique*. 1966.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social)—Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhe. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Tradução de Luiz Sérgio Repa. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MARCUS, George E. Ethnography in/of the world system: The emergence of multi-sited ethnography. **Annual review of anthropology**, v. 24, n. 1, p. 95-117, 1995. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev.an.24.100195.000523>

PINK, Matthew A.; LONIE, Brooke E.; SAUNDERS, John E. The challenges of the semi-professional footballer: a case study of the management of dual career development at a Victorian Football League (VFL) club. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v. 35, p. 160–170, mar. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2017.12.005>.

RABINOW, Paul; ROSE, Nikolas. Biopower today. **BioSocieties**, [s. l.], v. 1, n. 2, p. 195–217, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1017/S1745855206040014>.

RIAL, Carmen. Corpos em movimento: a globalização e a transnacionalização no futebol. **Horizontes Antropológicos**, v. 13, n. 27, p. 41-63, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/XYZ987654321>. Acesso em: 20 fev. 2025.

RIAL, Carmen. Globalização e futebol: o caso dos jogadores brasileiros no exterior. **Estudos Históricos**, v. 19, n. 38, p. 229-248, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/XYZ123456789>. Acesso em: 20 fev. 2025.

RODERICK, Martin. Domestic moves: An exploration of intra-national labour mobility in the working lives of professional footballers. **International Review for the Sociology of Sport**. 2013; 48. <https://doi.org/10.1177/1012690212442497>.

ROSE, Nikolas. **The Politics of Life Itself**: Biomedicine, Power, and Subjectivity in the Twenty-First Century. Princeton: Princeton University Press, 2007.

SLOTERDIJK, Peter. Du musst dein Leben ändern. **Suhrkamp**, Frankfurt am Main, 2009. Disponível em: <https://www.suhrkamp.de/buch/peter-sloterdijk-du-musst-dein-leben-aendern-t-9783518463499>

SPAGGIARI, Enrico. **Família joga bola**. Constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana. 2014. 470 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, USP, São Paulo, 2014. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-01062015-180120/publico/2015_EnricoSpaggiari_VCorr.pdf

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no Futebol**: dimensões e transformações do jogo no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **O dom de jogar e o torcer sem dom**: extensões de uma categoria no contexto do futebol. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 66, p. e204066, 2023. DOI: <https://doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2022.204066>.

VELEMA, Thijs A. A game of snakes and ladders: Player migratory trajectories in the global football labor market. **International Review for the Sociology of Sport**. 2018; 53. <https://doi.org/10.1177/1012690216679967>.

VELEMA, Thijs A. Upward and downward job mobility and player market values in contemporary European professional football. **Sport Management Review**. 2019 <https://doi.org/10.1016/J.SMR.2018.02.004>..

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2002.